
AS INTERAÇÕES CULTURAIS E FORMAS-DE-VIDA: uma abordagem semiótica ¹

Fátima Aparecida dos SANTOS ²
Universidade de Brasília

RESUMO

Busca-se neste artigo construir um diálogo entre diferentes autores que fizeram abordagens sobre o tema formas de vida, linguagem e semiosfera. Destacamos o texto seminal A cerca da semiosfera (LOTMAN, 1984), As formas de vida (AGAMBEN, 1996 e 2002), o termo autopoiesis (MATURANA, 2001) e a retomada dos estudos de Jacques Fontanille em duas proposições diferentes, em 2007 e 2015. Ao final coloca-se a prova a questão do coletivo e da humanidade com o entendimento da multidão como categoria ontológica da cidade, reticulada e em êxodo.

PALAVRAS-CHAVE

semiosfera; modelo; vida; multidão.

1 INTRODUÇÃO

No começo deste século, por volta do ano 2000, no Programa de Pós Graduação em Comunicação e Semiótica da PUC São Paulo, no campo da Semiótica da Cultura, havia a possibilidade dos estudos de Ivan Bystrina, encabeçados pelo professor Norval Baitello e da produção intelectual da Escola de Tartú, incluindo Iuri Lotman e a Semiosfera com a professora Irene Machado. Já, as questões do discurso, analisadas a partir da base teórico francesa com Greimas, traziam também outros autores como Fontanille, Zilberberg e Landowski. Todos esses encontros foram erguidos a partir do proeminente e sempre difundido arcabouço da semiótica pragmaticista, encabeçada pela professora Lúcia Santaella com a sua inconfundível missão em traduzir e friccionar a obra de Charles Sanders Peirce com os fenômenos atuais cotidianos.

¹ Trabalho apresentado no GP Semiótica da Comunicação, XXI Encontro dos Grupos de Pesquisas em Comunicação, evento componente do 44º Congresso Brasileiro de Ciências da Comunicação.

²

Mestre e doutora em Comunicação e Semiótica pela PUC-SP, graduada em Design pela Unesp Bauru, estágio pós doutoral no CIRCE- Università Degli Studi di Torino. Professora do curso de graduação em Design da UnB e dos programas de pós graduação Artes Visuais e em Design também da UnB.

Nos programas das disciplinas do PPGCOS também podiam ser encontrados filósofos como o italiano Giorgio Agamben, que naquele momento foi classificado como uma espécie de filosofia biopolítica. Já da tradição espinosista mas com uma 'potência' criativa em termos de construção e arqueologia filosófica estudava-se Deleuze, desde de Mil Platôs, escrito a quatro mãos com Guattari, até Conversações. Guattari em uma outra parceria, desta vez com Toni Negri, aparecia também ligado às questões da biopolítica, da multidão e da ecosofia.

De certo modo, este prólogo, talvez desnecessário, teve como objetivo traçar um panorama no qual, do ponto de vista disciplinar e didático, no principal programa de estudos do Brasil a fazer o enfrentamento das diferentes linhas de investigação em semiótica, os autores estudados estavam organizados e sistematizados em caixas com objetos e distinções muito claras. Alguns colegas diziam, como espécie de regra ou chacota, que determinada linha não dialogaria jamais com outra e isso era traduzido pela seguinte frase: "esses autores que estão misturados nesse texto nunca brincariam na infância no mesmo parquinho".

Mas eis que, quase duas décadas depois, em 2015 Jacques Fontanille lança o livro *Formes de vie*, ainda não traduzido para o português, referenciado neste artigo a partir da versão em espanhol para e-book publicada em 2018. *Formas de Vida* (tradução nossa) constrói de modo muito competente uma relação entre vida, linguagem, ecologias, biosfera e cultura. Para tanto evoca Wittngestein, Latour, Vernadsky e finalmente Lotman, com quem trava um grande diálogo que talvez tenha sido o maior encontro de um autor contemporâneo com Lotman até então.

De certo modo, o encontro com Lotman já estava anunciado no final do livro *Semiótica do Discurso* publicado pela primeira vez na França em 1999 e no Brasil somente em 2007, com primeira reimpressão em 2019. Nele Fontanille (2019, p. 282 - p. 285) resume em cerca de quatro páginas o conceito de Semiosfera e propõe uma correlação entre as principais características encontradas na abordagem de Lotman com os princípios de uma semiótica tensiva. Assim, segundo o autor seria possível reencontrar, no âmbito do campo da cultura como um todo, questões de força de assunção e extensão de reconhecimento. Desta forma ele propõe um eixo em x e y, no qual o eixo (y) paradigmático está para as características da formação da semiosfera que

corresponderiam as intensidades da cultura e o eixo sintagmático (x) estaria para as características de desdobramento e difusão cultural. As funções entre esses dois eixos resultariam em quatro tendências:

1 - na diminuição da intensidade aliada também à diminuição do desdobramento e difusão em exclusão dos elementos específicos de uma dada semiosfera;

2 - no aumento da intensidade aliado ao aumento do desdobramento e difusão em desdobramento do universal;

3 - no aumento da intensidade aliado à diminuição ou constância do desdobramento e difusão na explosão do estranho e, por fim;

4 - na constância ou diminuição da intensidade, desdobramento e difusão na difusão do familiar ou interna à própria semiosfera.

Desta forma, no encontro entre a proposição da semiosfera de Lotman e a estrutura tensiva de Fontanille, nasce um esquema gráfico e matemático capaz de responder, a partir da função entre intensidade (y) e desdobramento e difusão (x), como determinados discursos e seus trânsitos, dentro de uma dada semiosfera, são perpetuados na própria cultura ou tendem a um processo de tradução e diálogo com outras culturas e semiosferas.

Seguindo a pista deixada ao final do livro *Semiótica do Discurso* encontramos o livro *Formas de vida* no qual o salto na abordagem da fricção entre as questões da linguagem e a semiosfera é fascinante pois apresenta a possibilidade de uma semiosfera que revela as formas de vida possíveis a partir das relações entre discursos e signos, condicionando a existência da vida humana na e para a linguagem.

A olho nu, ainda que o leitor não tenha nenhum conhecimento de outras correntes filosóficas e da linguagem que fazem o enfrentamento entre o viver e o significar, nesta obra percebe-se a abertura de Fontanille, não apenas para uma organização didática, com efeito de tradução, como o que pode ser visto no *Semiótica*

do discurso ou ainda no Semiótica e visualidade, mas realmente a construção de um belo e eficaz encontro entre duas diferentes linhas semióticas.

O encontro entre Fontanille e Lotman, resgata uma perspectiva evolutiva e cosmológica que encontramos em Peirce, com a cultural encontrada em Lotman e a discursiva e complexa iniciada por Greimas, seguida pelo próprio Jacques Fontanille entre outros. É possível ainda, num salto de irresponsabilidade epistemológica com abordagens mais contemporâneas, relacionar as discussões do livro com a perspectiva dos sistemas complexos, da biopolítica e até mesmo o princípio autopoético. Obviamente não faz parte das referências de Fontanille autores como Giorgio Agamben e Humberto Maturana mas esta é a contribuição deste artigo para unir no parquinho sujeitos de diferentes gerações dos estudos da filosofia e da linguagem e mostrar como a vida humana e seu funcionamento, só possível de ser capturados porque somos seres de linguagem, perpassa o pensamento de todos eles.

No próximo tópico será pontuando na obra Formas de Vida (op. cit) o encontro com Lotman e quando necessário trazendo também as citações do texto Sobre a Semiosfera. Ainda ressaltando a irresponsabilidade epistemológica, serão construídas as relações com outros autores contemporâneos a partir da linguagem, da filosofia e do conceito de vida. Por fim, as descobertas deste estudo serão tensionadas com um certo tipo de multidão, categoria ontológica de comunicação da cidade, constituída de formas de vida agrupadas circunstancialmente. O que tais agrupamentos circunstanciais revelam? Quando se propõe aqui essa fricção entre teoria e realidade pretende-se exatamente revelar como o entendimento de nós mesmos e da forma como o fazer e viver na linguagem revelam também a capacidade humana de continuar existindo.

2 SEMIOSFERAS E FORMAS DE VIDA

Fontanille anuncia seu encontro com a semiosfera em 1999 quando publicou a primeira edição do livro Semiótica do Discurso. Entretanto, existe uma diferença fundamental entre a abordagem feita no livro de 1999 e no de 2015, no primeiro evidencia-se o modo como a semiótica tensiva poderia unir-se à semiótica da cultura e operar como um método de investigativo, já no livro de 2015, é possível notar a necessidade de entender como a linguagem faz ou fabrica ou configura o que se chama

ou se pode chamar de vida e, como a linguagem está altamente imbricada na cultura, fazendo-a e sendo feita por ela. Ainda existe no texto a premissa de que sem a existência não apenas de uma linguagem, mas de todas criadas e utilizadas pelo ser humano, seria impossível considerar a existência da vida humana.

Aliás, esta é uma distinção entre o texto de Fontanille e outros autores que consideram a expressão formas de vida, como Agamben (op. cit) e Maturana (op. cit), já que Fontanille se ocupa da vida humana e da linguagem que estruturada de modo complexo constituiria segundo ele a diferença entre o homem e outros seres.

De certo modo, ainda que não presente no texto, o que se pode perceber é que as chamadas formas de vida, instauram-se a partir de uma certa hierarquia complexa, na qual apenas diante da linguagem, dos jogos de linguagem, dos processos de semiose e da descrição de tais processos seria realmente possível falar de formas de vida ou de uma existência semiótica. Tal existência contrasta-se com as outras formas de vida que constituem a biosfera e portanto a natureza. Logo, é possível considerar que a construção que Fontanille elabora é de uma forma de vida que está ligada à natureza porque acontece sob uma base biológica, mas por ação de uma especificação que deu a esses seres a capacidade de pensar e pensar sobre a própria existência e, portanto de transformar um signo em outro e ter consciência desta transformação. Tal processo estaria organizado de modo hierárquico altamente ligado com a condição cultural que ao mesmo tempo em que é fabricado por essa produção de linguagens também as retroalimentam, as autodescrevem e constroem o que chamamos de cultura.

As formas de vida são organizações semióticas (são linguagens) características das identidades sociais e culturais, individuais e coletivas, e com esse título podem ser circundadas por outros planos de análises semióticos e da semiosfera, por exemplo, a dos textos, a dos objetos ou das práticas. (FONTANILLE, 2018)

O autor coloca em contraste a possibilidade do embotamento, da continuidade de uma espécie de programação e a capacidade de descontinar a mesma. Para exemplificar chama para o diálogo o texto "São vocês agrimensores ou sonâmbulos" no qual Floch (apud FONTANILLE, 2018) interroga sobre o modo como os usuários do metrô de Paris seguem de modo quase que automático pelos corredores até alcançarem a plataforma e o trem, mas de outra forma o próprio ambiente do metrô indica que em

certos lugares existe interação e pausa dessa programação e que esse percurso é assinalado pela continuidade e descontinuidade, pela capacidade de recompor e reconfigurar um trajeto a depender da informação mas também de persistir no curso da vida. Logo, em Floch a forma da vida humana seria aquela que persiste no curso da vida, no processo contínuo de gerar semiose de modo consciente ainda que em condições adversas.

Fontanille continua a sua busca pela definição de formas de vida no diálogo anacrônico com Wittgenstein, dele destaca a existência da categoria genérica de vida, na qual existem as formas de vida em geral e dentro desta uma espécie de subcategoria que contém a vida com linguagem e portanto as formas de vida humanas. Na categoria geral da vida, o viver é indiferenciado e isso permite criar uma distinção que seria o viver com ou do viver em ou viver conjuntamente. Ainda em diálogo com Wittgenstein, afirma que no autor para se considerar o que são ou falar das "formas de vida", seria necessário diferenciar, literalmente, o que é o agir humano daquilo que é o agir animal. Aqui é possível pontuar uma relação também com Giorgio Agamben (2013, p. 123 - p.131) quando ele em diálogo com Heidegger tenta estabelecer qual seria o ponto fulcral da diferença entre o homem e o animal, excluindo a tradição religiosa. Fontanille conclui no diálogo com Wittgenstein que o particular sobre as formas de vidas humanas é o fato de consistirem em jogos de linguagem, dentro destes estariam incluídos os atos de linguagem, os ânimos e paixões, as interações e portanto a constituição de uma vida em ou na cultura.

Na sequência Fontanille começa seu diálogo com Lotman e mais detidamente com o conceito de semiosfera e a diferença com a biosfera:

Na concepção desenvolvida por Lotman, não existe, por um lado, a biosfera e, por outro, a cultura-semiosfera, mas dois modelos científicos espelhando um modelo ao outro; e ambos são a condição de existência e explicação do que eles modelam: a biosfera para tudo o que diz respeito aos organismos vivos e sua evolução, a semiosfera para tudo o que se refere às linguagens. (FONTANILLE, 2018)

Tal condição de espelhamento entre o modelo científico da biosfera e da semiosfera, permite relacionar pontos de funcionamento de cada um dos modelos.

Quanto ao funcionamento específico da semiosfera, destaca duas características como fundamentais para pensa-la: a capacidade de autodescrição, que seria a atividade metassemiótica ou a atividade semiótica consciente de si mesma; a outra propriedade fundadora seria a fronteira entre o nós e o outro.

Lotman (1996, p.24 e p.29) também destaca que a semiosfera contém duas grandes características: 1 - Caráter Delimitado e 2 - Irregularidade Semiótica. Dentre as características que compõem o caráter delimitado de uma dada semiosfera, Lotman (op. cit) destaca a função de fronteira e a partir dela as características dos signos e sistemas de signos quando em processos de tradução, de migração de uma dada semiosfera a outra. Destaca ainda o anamorfismo típico da fronteira e indicia a partir dela a valorização de espaços internos e externos. Sobre a irregularidade semiótica (1996, p. 30 a p. 33) afirma que a semiosfera tem irregularidade de níveis estruturais, e destaca a tendência a busca de compensação entre eles. De certo modo, trata-se de um mecanismo vivo, cujo funcionamento em algum momento e algum lugar alcança a homogeneidade estrutural. Fora das áreas homogeneizadas os processos de transformação e de semiose são acelerados. É neste momento que Lotman nos traz a característica de autodescrição metaestrutural da semiosfera, a configuração em centro e periferia e a tendência a simetria especular como características.

De certo modo, algumas das características elencadas por Lotman, são também características dos sistemas vivos, das formas de vida e finalmente dos sistemas autopoieticos. É neste ponto que podemos propor o diálogo entre Lotman, Fontanille, Agamben e Maturana. Identifica-se em Fontanille e Agamben a busca pela distinção entre o ser humano e os animais, pontuando que nela reside a questão da linguagem como mecanismo de subjetivação, autoobservação e autodescrição. Tal autodescrição revelar-se um mecanismo de autopreservação dos códigos culturais. Maturana (2001, p. 175), por sua vez, afirma que a criação é altamente ligada ao fato de uma diferença sistêmica entre sistemas, considera os sistemas vivos como autopoieticos, ou seja são aqueles determinados estruturalmente, têm capacidade de autodescrição, são moleculares e abertos ao fluxo de matéria mas fechado em sua dinâmica de estado. São irritáveis e tomam decisão sobre reagir ou não às informações externas ao sistema.

Neste caso, a forma de vida em Maturana, os mecanismos de homeostase ou fronteira, os processos de autodescrição e o determinismo estrutural são características que permitem a vida, a semiose e em última instância, nos humanos, a linguagem. Para ele, a linguagem é:

(...)um modo de viver juntos num fluir de coordenação consensual de coordenações consensuais de comportamentos, e é como tal um domínio de coordenação de coordenações de ações. Assim, tudo o que nós seres humanos fazemos, nós fazemos na linguagem; Então, os objetos surgem na linguagem como modos de coordenação de nossos afazeres; os diferentes mundos que vivemos surgem na linguagem como diferentes domínios de afazeres nas coordenações de nossos afazeres na linguagem; os diferentes domínios de afazeres que vivemos como diferentes tipos de atividades humanas, sejam eles concretos ou abstratos, manipuláveis ou imaginados, práticos ou teóricos, ocorrem como domínios de coordenações consensuais de coordenações de ações em diferentes domínios de ações que surgem em nosso viver na linguagem. Assim, o linguajar é o nosso modo de existir como seres humanos. (MATURANA, 2001, p. 178)

Para Lotman (op. cit), a semiosfera é o espaço semiótico fora do qual é impossível mesmo a existência da semiose, na explicação de Maturana, nota-se que existe o processo de transformação na linguagem, no fazer linguagem, como um processo contínuo de semiose, que não é apenas de signo a signo, mas de sistemas e discursos conectados às formas de vida. Um signo se transforma em outro a partir de uma espécie de dispositivo que forma a própria semiosfera. Isso não significa dizer que não existam outros processos mas o conhecer e o comunicar-se depende da posição no espaço e da relação possível de ser traçada a partir dessa posição ou lugar de fala. Se na semiótica do discurso, lugar de origem de Fontanille a posição dos actantes e o vínculo emocional são pontos fundamentais para compreender o discurso, na semiótica da cultura, o homem observa a partir também do seu lugar, como se ele estivesse posicionado no centro de uma dada semiosfera.

O caráter fechado da semiosfera se manifesta no que esta não pode estar em contato com os textos a-semióticos ou com os não textos. Para que esses adquiram certa realidade para ela é indispensável traduzi-los a uma das linguagens do seu espaço interno ou semiotizar os fatos não semióticos. Assim pois, os pontos da fronteira da semiosfera podem ser equiparados aos receptores sensoriais que traduzem os irritantes externos a linguagem do nosso sistema nervoso. aos blocos de

tradução que adaptam a uma determinada esfera semiótica o mundo exterior respeito a ela.(LOTMAN, 1996, P. 24)

Este caráter fechado da semiosfera proposto por Lotman (op. cit) se aproxima muito daquele dado aos sistemas autopoieticos, ou sistemas irritáveis, por Maturana (op.cit). Esse conceito de borda não é fechado mas permeável como uma espécie de filtro que força a transformação ou o processamento de um sistema de signos em outro sistema de signos diretamente correlacionado também com função de fronteira.

Se em contato com toda a obra de Lotman verificamos que a concepção da semiosfera é o fio condutor de todos os estudos culturais promovidos pelo autor, observa-se que Fontanille seguirá as investigações a cerca da semiosfera em busca do modo como essa concepção condiciona a discursividade, seja ela na constituição de um texto ou mesmo no discurso da vida que em seu mais alto nível é o processo de inscrição da própria cultura. Tal discursividade no campo da cultura e observando o funcionamento das vidas humanas pode ser revelada pelos objetos e costumes comuns a esta. Dentro dessa arqueologia, também se fez necessário observar a questão da crença, dos acordos de comunicação, dos actantes de um dado discursos, dos modos e tensões nas estruturas comunicativas que indiciam as formas e os modos de vida.

Da mesma forma, a crença necessária para o uso de signos (crença semiológica) difere daquela exigida para objetos (crença funcional): a primeira repousa na permanência e na evidência da relação entre um significante e um significado, enquanto o segundo postula funções e usos do objeto, eventualmente inscritos em sua forma, em sua estrutura interna ou na superfície. (FONTANILLE, 2018)

O díptico forma e função, inaugurado no século XVII pelo matemático Euler, incorporado nos séculos seguintes pela biologia, arquitetura, design e finalmente proposto no campo da comunicação por Roman Jakobson tem seu lugar na constituição de uma crença semiológica proposta por Fontanille, tal crença se daria a partir dos processos de constituição das relações e portanto dos diálogos que evidenciam a compreensão dos planos de conteúdo a partir mesmo da sintaxe, das formas, tanto no campo discursivo quanto na própria materialidade da cultura e, portanto na observação dos elementos relacionais que por sua vez também evidenciam a vida.

Cada nível de análise está sujeito a um regime de crença específico, com base na consistência e congruência das diferentes propriedades de

seu modo de expressão. A crença textual difere da crença prática: a primeira é baseada no fechamento e, portanto, na coerência interna de um desenvolvimento narrativo entre uma situação inicial e uma situação final, enquanto a segunda se baseia na qualidade do ajuste dos incidentes de um curso de ação aberto pelas duas pontas da cadeia... (FONTANILLE, 2018)

Portanto, ao observar as formas de vida, trabalha-se também com as formas da vida e as formas do viver. O discurso, objeto de estudo de Fontanille desde sempre, é colocado de acordo com a citação acima, na esfera da crença textual, com característica de fechamento, possível de ser compreendido quando observa-se a modalidade de suas aplicações, os desdobramentos tensivos, os processos de embreagem e debreagem a partir da sua estrutura, é a estrutura também que revela de um lado a paixão, a conexão entre o enunciador e o discurso construído entre o enunciador e os sujeitos participantes deste discurso, além do modo como cada um dos participantes se afirma ou se nega diante de tais modalidades. Já no processo de gerar elementos concretos, Fontanille afirma que nessa esfera é necessário compreender o ajuste de incidentes possíveis no curso dessas formas de vida, as formas e funções, a grosso modo se dão em função dos encontros e desencontros dessas formas de vida com o seu entorno e com outro. Extrapolando o que está escrito em Fontanille é possível observar que é exatamente desse curso de ação aberto, dessas possibilidades incidentais, que as manifestações concretas no mundo surgem em formas, como objetos de design, de arquitetura, como artefatos que condicionam o estofamento do mundo natural para que essa vida produtora de semiose aconteça. Interação por excelência, observada a luz da semiótica.

3 FORMAS DE VIDA, SEMIOSFERA E ÊXODO: UM APELO PARA TRANSFORMAÇÃO DO ALHEIO EM FAMILIAR.

É neste apagar textual das luzes, quando se aproxima o fim deste artigo que trazemos a discussão sobre as multidões em êxodo como fenômeno contemporâneo que indiciam o desacordo entre as formas de vida e anunciam as formas de obsolescência do viver. Quando se observa as dinâmicas a partir de modelos culturais, observa-se a tendência a um certo equilíbrio e a divisão de processos. Entretanto, na instituição política, a mistura vida, cultura e economia no mundo contemporâneo tem revelado como o processo de delimitação e autodescrição de determinadas culturas tem

transformado o comum em alheio e expulsado pessoas de um dado território como se diversas semiosferas não pudessem se sobrepor ou conviver.

Ferrara (2018) no livro 'A comunicação que não vemos' no texto A cidade da multidão elenca as categoria epistemológicas de análise e ontológicas da cidade. Dentre as primeiras define a espacialidade, a visibilidade e a comunicabilidade e, ela defende que a multidão possa se tornar a categoria ontológica da cidade contemporânea. As estratificações ou as diversas semiosferas que compõe a cultura indiciam também a multiplicidade de identidades que compõem tal multidão ou as diversas multidões manifestas em várias situações, da diversão ao êxodo. Aqui, busca-se não a multidão da diversão, não a multidão da manifestação política, não a multidão dos territórios sagrados, mas sim a multidão em êxodo. Ninguém mora na multidão, ela movimenta-se pela lógica do enxame, numa espécie de sincronia e afinidade entre os indivíduos e que no entanto distingue daquilo que chamávamos de massa na segunda metade do século XX.

A grosso modo, basta a divergência deste ou daquele sistema de mitos, deste ou daquele sistema de crenças, deste ou daquele código de vestimenta, alimentação etc, para que um dado grupo se indisponha com outro. De certo modo, no contemporâneo não se disputam apenas discursos ou sentidos mas sim espaços de esperança e de desesperança, elegendo quem pode ou não pode produzir crenças discursivas ou funcionais.

As formas de vida para Wittgenstein (apud FONTANILLE, 2018) contêm em si a forma de vida humana, que se distingue das demais porque incluem jogos de linguagem, intencionalidades e a capacidade de se autodescrever e se pensar.

Para Wittgenstein, para poder falar utilmente sobre “formas de vida”, é necessário, portanto, ser capaz de distinguir, literalmente, as “formas de agir comuns aos homens” de todas as formas de agir dos seres vivos em geral. Compreendemos então que o nível de diferenciação em que Wittgenstein se coloca é muito mais geral do que o das culturas no sentido em que esse termo é entendido na "semiótica das culturas": há "formas de vida" onde quer que haja. viva, mas há apenas um tipo que pode ser caracterizado como uma forma de vida humana (e, portanto, cultural) A

particularidade das formas de vida humana é que incluem jogos de linguagem (atos de fala, estados de paixão, tipos de interação, etc.) que os diferenciam de todos os outros, mas que exigem que sejam confrontados em todas as ocasiões. (FONTANILLE, 2018)

É possível traçar uma relação entre a construção feita por Fontanille a partir de Wittgenstein com a elaborada por Agamben (2013) no livro *O aberto*. Em *O aberto*, Agamben distingue a forma de vida animal da forma de vida humana pelo jogo de intencionalidades mas também pela abertura autopoética intrínseca a ela, ou seja, a vida humana por seu processamento e relação com o ambiente permite escolha, decisão e espera, distingue-se do impulso instintivo e se coloca em movimento temporal quando decide por esperar agir.

Assim, em Agamben (2013) a apreensão do mundo pelo humano e o processo de fabricação da linguagem dão ao homem a condição de perceber, pensar e escolher agir desta ou daquela maneira, desabilitando o programa animal e fundando uma condição cultural com potência para o novo ou mesmo para o tédio profundo. Fala-se aqui ainda da potência da vida, qual vida e em quais condições culturais fazem jus aquilo que Agamben distingue como bios, ou a vida humana realmente conectada ao seu entorno e em sociedade. Em *Formas-de-vida*, texto de Agamben (2013), publicado na Itália em 1996, o autor defende como formas de vida, uma vida que jamais pode ser separada da sua forma, uma vida na qual jamais é possível isolar alguma coisa como vida nua, ou zoé, ou aquela vida, que apesar de humana, é colocada por cerceamento do biopoder nas mãos de outrem. Ainda na discussão da biopolítica, quando uma cultura dentro do seu processo neurótico coloca o homem em posição de subjugação e o impede totalmente de conectar-se com o seu entorno condicionando o indivíduo apenas a uma forma repetitiva, coberta de regras e embotamento da humanidade, ela ainda pode ser chamada de vida?

A instituição de espaços de desesperança no mundo atual, tem produzido o movimento por exemplo dos grandes êxodos de refugiados, os maiores desde a segunda guerra mundial, mas também aprisiona formas de vida que não podem mais colocar seus processos de linguagens, as representações que fazem de si e da sua memória em movimento criativo e nesse sentido, este século, com os seus extremos, mata cotidianamente uma parte da potência do ser humano.

São milhões de pessoas trancafiadas em regimes totalitaristas, extremistas, nos quais o viver não pode ousar modificar, fazer semiose, transformar o próprio viver, ou colocar-se em devir, tão característico e possível de ser encontrado tanto na premissa da semiosfera em Lotman, em formas de vida em Fontanille, na autopoiese defendida por Maturana e também chamado de formas-de-vida por Agamben. Esse regimes extremos quando põe em desafio as formas de vida na sua potência, condicionam também os êxodos, as rotas de fuga em busca de um ambiente onde a vida possa realmente acontecer. As imagens noticiadas nos telejornais europeus, as ações da ACNUR - agência da ONU para refugiados, as diversas rotas de fuga, indiciam as tragédias humanitárias do começo deste século XXI. Indiciam também o desencontro entre as formas de vida e a busca por algum lugar no qual elas realmente consigam-se manifestar. Os campos de refugiados, as fronteiras fechadas, o alto número de pessoas que morrem nessa busca, evidenciam que aqui e ali o viver está cada vez mais cercado e impedido, culturas minoritárias cada vez mais são barradas nas porosidades de fronteiras físicas, que por sua vez revelam também a intransigência com os códigos alheios.

Produzir semiose, modificação, jogos de linguagem constituem sim o traço distintivo do viver humano quando esse está envolto por ética e liberdade e, talvez seja essa nossa incapacidade de gerar as condições ideais de ética e liberdade de forma global que se constitua como o grande filtro de sobrevivência desta versão da humanidade na qual estamos inseridos.

REFERÊNCIAS

AGAMBEN, Giorgio. **O aberto**: o homem e o animal. Trad. Pedro Mendes. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2013.

_____. Forma-de-vida in **Meios sem fim**: notas sobre a política. Trad. Davi Pessoa Carneiro. Belo Horizonte: Autêntica, 2015.

FONTANILLE, Jacques. **Semiótica do Discurso**. Trad. Jean Cristus Portela. 2 ed. 1ª reimpressão. São Paulo: Contexto, 2019.

_____. **Formas de Vida**. Trad. Desiderio Blanco. Primera edición digital. Lima: Universidad de Lima, col. biblioteca Universidad de Lima, 2018.

FERRARA, Lucrécia D' Alessio. **A comunicação que não vemos**. São Paulo: Paulus, col. Comunicação, 2018.

LOTMAN, Iuri. **La semiosfera I**: semiótica de la cultura y del texto. Trad. Desidério Navarro. Madrid: Edições Cátedra, 1996.

MATURANA, Humberto. **Cognição, ciência e vida cotidiana**. Org. e Trad. Cristina Magro e Victor Paredes. Belo Horizonte: UFMG, 2001.